

mas não será assim no Brasil, porque do Alto nos vem a proteção.

Ninguém pense que os inimigos invisíveis, pela pena e pela boca de seus medianeiros, se limitariam a destruir a obra de Roustaing. Já temos as lições muito preciosas da História e não precisamos de novas experiências. Já sabemos a força que eles adquirem quando lançam por terra a primeira linha de defesa: nada mais lhes resiste à fúria demolidora!

XI

IDEAL ESPÍRITA

A maior luta contra a Federação Espírita Brasileira, nestes anos mais recentes, tem sido por motivos de organização. Agita-se a ideia de uma organização disciplinada e forte para maior unidade doutrinária e mais eficiência na luta social, acusando-se a Casa de Ismael de organização fraca e inoperante. Os "pacifistas", aos quais nos referimos no capítulo anterior, poderão notar que esta divisão é maior do que a de um ponto teórico de Doutrina, produz mais descontentamento, mas é insanável, porque nenhuma organização contentaria a todos, pois que os pontos de vista são os mais divergentes.

Permitimo-nos a respeito reproduzir aqui um artigo que teve a honra de ser aprovado pelo ilustre doutrinador Romeu Camargo e reimpreso em seu livro *"Um só Senhor"*. Em linhas gerais este artigo interpreta o pensamento da Casa Máter do Espiritismo no Brasil. Ei-lo:

* * *

"Fazer de cada mulher uma sacerdotisa, de cada lar um templo, de cada coração um

altar em que arda sempre impetuoso o desejo de servir com abnegação e amor a todas as criaturas de Deus, sejam elas boas ou más; tal é a missão do Espiritismo para edificar o Reino de Deus sobre a Terra.

“Tarefa fundamentalmente educativa que deve ser posta em toda parte: na oficina, na escola, na repartição, na administração, na política, no lar; mas sem o esforço combativo que desagrega os homens e forma os partidos, igrejas, seitas, classes, nações, em ações e reações eternas que geram ódios e perpetuam o mal, as rivalidades e represálias de grupos humanos, contra outros grupos humanos.

“Se os espíritistas tivessem a desventura de se organizarem em uma grande igreja, provocariam as reações e represálias que perpetuariam as outras igrejas a eles opostas, numa luta contínua e apaixonada como têm vivido as diversas igrejas do passado. Pretendessem organizar-se em partido político para realizar suas nobres aspirações, e não seriam comprendidos; teriam sempre que fechar suas próprias fronteiras contra os ataques de outros partidos; já não poderiam agir na sociedade, mas sómente em suas sedes e, mesmo aí, sob as limitações da perseguição externa e talvez da perfídia interna de adversários mascarados de espíritas em funções de quinta-coluna. Teriam espíritas em funções de quinta-coluna. Teriam todas as desvantagens de uma seita ou de um

partido, contra o qual todas as outras seitas e partidos se acham fechados e perderiam todas as vantagens de que desfrutam hoje.

“Sempre que se pensa em organizar o Espiritismo, devem-se levar em conta as dificuldades que outras organizações, com seu espírito combativo, oporiam à nossa tarefa, quando a nossa organização, suficientemente forte, lhes parecesse uma ameaça.

“Nossa força está em nossa aparente fraqueza. Somos milhares de pequenos núcleos espalhados por toda parte, sem uma autoridade central que os reúna e oriente no plano humano da vida. Mesmo as sociedades adesas ou coligadas à Federação ou à Liga, são livres, não têm que prestar contas ou obedecer a autoridades centrais. A adesão é apenas a princípios gerais da Doutrina, à aceitação das obras de Kardec — nem mesmo se exigindo a de Rousstaing, estudada na Casa de Ismael — com plena liberdade de interpretação e organização do ensino, sem um sínodo ou outro corpo de intérpretes a ser obedecido. A qualquer momento a sociedade adesa pode, por sua livre vontade, desistir da adesão e seguir outros rumos, se assim lhe aprouver, e voltar aos mesmos princípios e solicitar de novo a adesão, quando quiser.

“Igualmente os indivíduos conservam absoluta liberdade de ação ou inação. Podem tra-

balhar quando e como e onde quiserem, em associação ou insuladamente, ou cessarem as suas atividades quando isso lhes agradar, sem que alguma autoridade exista que lhes possa impor alguma limitação ou privá-los de algum direito. Essa liberdade dos indivíduos e de seus grupos é característica do Espiritismo e dá-lhe uma força diferente, mais espiritual e menos humana. Do ponto de vista humano, isso é fraqueza e desorganização; mas, do ponto de vista espiritual, é força invencível. E' a *quinta-luna* aplicada ao bem.

"Nossos pregadores independem de "ordens", diplomas, uniformes, ou qualquer outra autorização. Podem exercer seu sacerdócio quando e onde quiserem; diante de um só ouvinte ou de grandes assembleias; numa missiva pessoal, num artigo de jornal, num livro, ao microfone ou por outra qualquer forma.

"Quem assiste a um fenômeno espiritista e o relata aos seus amigos, já está fazendo a pregação. Quem lê um romance espiritista e o conta a um amigo, está praticando doutrinação. Assim, por toda parte, desde as rodas mais ilustres até os meios mais obscuros, está-se fazendo a pregação do Espiritismo, na linguagem própria do meio, interessando alguém para que o estude. Tal multiplicidade de pregadores tem a imensa vantagem de não encontrar fronteiras de seita; não ficar limitada aos

templos, sinagogas, mesquitas ou sedes de grupos espíritas. Tem a vantagem, ainda maior, de não ser seita e, por isso mesmo, influenciar indistintamente qualquer membro da sociedade humana.

"O ideal espírita é universal, deve influenciar todos os indivíduos, toda a Humanidade, e a maior barreira à realização desse ideal seria fecharmo-nos em uma seita com os nossos livros sagrados, nosso profeta único, nossos pregadores autorizados e uniformizados, em outras palavras, com todas as limitações sectárias. Contra esse perigo, por mercê de Deus, contamos com a liberdade dos Espíritos, que não levam em conta nossas divisões e limitações, nem as nossas convicções sectárias; inspiram e guiam até os mais descrentes, desde que encontrem neles aptidão para determinado trabalho que se tenha de realizar no mundo.

"Pela orientação que os Grandes Espíritos vêm dando à mediunidade, vemos que o romance educativo, em forma de livro, de filme cinematográfico, de novela radiofônica, tem grande missão a cumprir na preparação do futuro; principalmente porque o romance fala mais diretamente ao coração da mulher e pode exercer a máxima influência na formação de nova mentalidade e novos sentimentos nas vindouras gerações. O mundo feliz do futuro terá que ser

obra principalmente do coração feminino, das mães, como sacerdotisas de seus lares.

“Em vez de formar uma Igreja “triunfante” contra as outras, temos que fazer uma ideia triunfante nos corações, sem nos importarmos com os rótulos. Em lugar de um partido vitorioso, temos que vencer em todos os partidos, em todas as escolas e igrejas.

“Como trabalhar para esse ideal?

“Pelo livro, pelo jornal, pelo rádio, pelo cinema, e, acima de tudo, pelo exemplo.

“Em lugar de uma organização político-religiosa à imagem e semelhança das que já existem e cujos frutos não nos contentam, fundemos novas editoras, novas estações de rádio, grupos de propagandistas, asilos, abrigos, escolas, ou ajudemos aos que já existem.

“Traduzamos todos os bons livros que existem ou venham a aparecer em outras línguas para a nossa e os nossos para outras línguas. Publiquemos toda essa imensa literatura em Esperanto e espalhemo-la pelo mundo inteiro.

“Há um trabalho imenso esperando por nós nestas próximas encarnações. Deixemos a outros a triste tarefa de demolir ou discutir questiúnculas teológicas. Só defendamos os pontos básicos: autoridade do Evangelho e respeito à mediunidade superior. Temos muito que construir. A Humanidade sofredora e descrente merece todos os nossos esforços, toda

a nossa dedicação. Não nos percamos nas fátuas discussões acadêmicas, nas polêmicas estéreis, nas lutas negativas; tentemos construir algo de positivo nos corações e nas inteligências. A nossa oportunidade é única: a Humanidade está saindo andrajosa e ensanguentada de uma das suas maiores experiências combativas, de uma de suas manifestações de força organizada. Bastam essas experiências! Nunca se tinham visto tão perfeitas organizações como de 1939 a 1945.

“Nossa obra é diferente; não nos deixemos tragar pelas tradições do passado, porque o passado já nos deu o que podia: lutas e ódios, ódios e novas lutas; organizações fortes contra organizações fortes a se destruírem; milênios perdidos em discussões teológicas, discussões teológicas que se renovam em outros milênios, para que as igrejas cristãs, tão bem organizadas, reconheçam sua incapacidade de evitar que seus crentes se destruam ferozmente nos campos de batalha. Nada se acha construído por elas nos corações! Suas construções são de pedra, no mundo objetivo.

“Repitamos que o ideal da Terceira Revelação não é formar uma grande Igreja, mas, ao contrário disso, tornar desnecessárias as grandes Igrejas e erguer em cada coração um altar, em que arda sempre a pira sagrada do

amor fraterno, destruindo o egoísmo, o orgulho, a vaidade, as rivalidades, os preconceitos".

Até aqui a reprodução do artigo que publicámos em 1945. Agora algumas considerações mais recentes.

Em ondas sucessivas, desde 1924, e sempre crescentes, levantam-se vozes e fazem-se agitações no sentido de organizar o Espiritismo nos moldes de uma Igreja, com um poder dogmatizador que estabeleça para nós uma ortodoxia; com uma disciplina que nos dê a força de um partido político. Promovem-se com essa finalidade congressos de maior ou menor alcance em diversos pontos do país. Todos visam a mesma coisa: transformar a Federação em uma Igreja, ou substituí-la. No entanto, todas essas preciosas energias se perdem totalmente, porque toda disciplina e toda ortodoxia são opostas aos ideais espíritas, de livres pensadores que somos, de uma liberdade que constitui para o espírita seu maior tesouro e da qual ele não abre mão. Mesmo admitido que fosse desejável tal organização — e longe estamos de admitir isso! — ela seria inoperante, nasceria morta pela falta de sanção: ninguém poderia evitar que se fundassem mil outras instituições divergentes, com as mesmas finalidades, com semelhantes Comissões de Doutores da Doutrina. Por toda parte se podem publicar livremente livros de Doutrina e nin-

guém o poderia evitar. Os mais conhecedores da Doutrina se negariam a tomar parte em tais comissões ou sínodos, ou concílios, como quer que lhes chamemos, porque reconheceriam que em Espiritismo as responsabilidades são diferentes de indivíduo para indivíduo e toda padronização é contrária ao espírito da Doutrina. Ficariam tais comissões doutrinárias em mãos dos menos competentes, que deliberariam por votação, exatamente como nos Concílios ecumênicos, — mas sem papa nem bispos, — e com o ridículo de não disporem de fogueiras e cavalete de tortura, ou excomunhão, para impor os dogmas que saíssem de tais votações. Tais dogmas nasceriam mortos. Poderiam decretar de novo, como já o fizeram os Concílios, todos os erros e negações, mas isso em nada alteraria a situação de fato.

Muito maior do que a divisão ocasionada por um ponto teórico de Doutrina, no qual não podemos todos concordar, são os problemas de organização; mas todas as discussões e agitações são boas, em nossa opinião pessoal, para evitar a estagnação, a indiferença, o desinteresse, que é a morte das ortodoxias, nas quais não pode haver divergências, porque as Autoridades competentes pensam pelos crentes e tudo decidem por eles; mas a maioria dos cren tes têm pouca fé nos dogmas e decisões.

Quando vemos o terror que um católico sente da morte, depois de haver recebido absolvição de todos os seus pecados e a Extrema Unção, percebemos que ele crê muito pouco em sua Igreja, porque continua apavorado com a passagem, quando a Igreja já lhe garantiu a entrada na bem-aventurança eterna dos justos. Dá-se essa dúvida torturante, porque o Espírito do católico — do mesmo modo que todos os outros — tem recordação subconsciente da realidade espiritual, porque já viveu como Espírito, tem intuição da verdade e esta intuição nega aquele dogma da absolução. Ele tem duas consciências: uma superficial e humana que lhe foi dada recentemente pelos ensinos de sua Igreja, e outra, espiritual, profunda, de suas próprias experiências. Esta segunda se manifesta com maior ou menor nitidez, em forma de intuição.

Nenhum dogma falso tem valor e são muitos os dogmas errados. Desnecessário darmos poder aos nossos companheiros ou recebermos deles o poder de dogmatizar, de aumentar o número de erros "decretados". Dogmas legítimos são apenas os *naturais*, aceitos pela totalidade dos crentes, como em Espiritismo os dogmas seguintes: O Espírito sobrevive à morte do corpo. O Espírito de um morto pode comunicar-se mediúnica e com os vivos.

Mesmo a Doutrina reencarnacionista ainda não deve ser considerada um dogma — em que

pese à afirmação do Mestre — porque há muitos espíritas que não reconhecem como provado esse princípio.

Os dois dogmas fundamentais que mencionamos acima estão sancionados por todos os espíritas do mundo, porque não se pode julgar espírita quem os não aceite.

Não tenhamos, caros irmãos "pacifistas", receio algum de nossas divergências, porque elas nos ajudam a estudar e nos evitam o comodismo das ortodoxias. Evitemos que o Espiritismo se torne uma igreja ortodoxa, porque isso seria sua morte, como o foi de todas as igrejas ortodoxas que se tornaram estéreis desde que seus crentes não tiveram mais que pensar, por haverem delegado às suas autoridades o dever de pensar por eles.